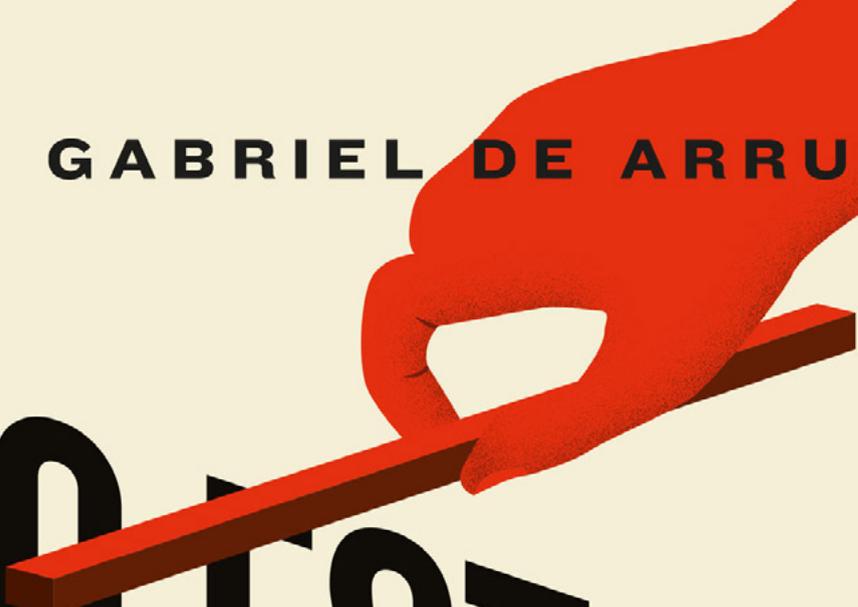


GABRIEL DE ARRUDA



ESTADO EFICAZ

RESPOSTAS DO LIBERALISMO
PARA A DESIGUALDADE
E A MISÉRIA



mqr

GABRIEL DE ARRUDA

O ESTADO EFICAZ

**RESPOSTAS DO LIBERALISMO
PARA A DESIGUALDADE
E A MISÉRIA**

maquinaria
EDITORIAL

Para Bruna, Isabel, Amália, Beatriz, Lúcia e Débora.

Audaces fortuna juvat.

SUMÁRIO

8 APRESENTAÇÃO	65 O REGIME EM QUE O ESTADO É QUASE INVISÍVEL
11 INTRODUÇÃO: VIVAM AS BOAS INTENÇÕES	73 O REGIME EM QUE O ESTADO AJUDA A TODOS
15 UM ASSALTO EM PARAISÓPOLIS	95 A SOLUÇÃO: O ESTADO EFICAZ
25 POR QUE A DESIGUALDADE IMPORTA?	105 DEZ PRINCÍPIOS DO ESTADO EFICAZ
31 O REGIME EM QUE NADA É DE NINGUÉM	113 O ESTADO EFICAZ NA PRÁTICA
45 O REGIME EM QUE TODOS RECEBEM O MESMO SALÁRIO	137 COMO FAZER A SUA PARTE
57 O REGIME EM QUE NADA ESTÁ ACIMA DO INDIVÍDUO	143 EPÍLOGO: APESAR DE TUDO, O MUNDO ESTÁ FICANDO MELHOR

APRESENTAÇÃO

Quem você acha mais apto a governar um país? Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva ou Ciro Gomes? Que tal uma figura histórica, como Winston Churchill, John Kennedy ou Ronald Reagan? Melhor ainda, vamos recorrer a Platão e colocar um rei-filósofo no comando de tudo? E se eu disser que a pessoa mais indicada a criar um Estado realmente eficaz é você? Sim, você mesmo, que está com este livro em mãos.



Bem, não é só você. É a sua família, o seu vizinho, a professora dos seus filhos, a proprietária do mercadinho da esquina, até o vereador do qual você já esqueceu o nome. Juntos, vocês formam a camada da população que faz doações, ajuda os amigos e os desconhecidos, se organiza em multirões, empreende e consome. Mas como podem criar esse Estado eficaz?

Neste livro, Gabriel de Arruda faz uma análise detalhada sobre vários sistemas de organização da sociedade, econômica e politicamente: do comunismo ao minarquismo, passando pelo anarcocapitalismo e pelo socialismo. Todos eles possuem defensores e críticos apaixonados, mas, na tentativa de estruturar a vida em sociedade de cima para baixo, como é o caso do comunismo e do socialismo, ou deixando os mais vulneráveis à própria sorte, como o minarquismo e o anarcocapitalismo, acabam incidindo no mesmo erro: o de desprezar o indivíduo.

Por isso, Arruda propõe algo que deveria ser evidente, mas infelizmente não é: uma sociedade organizada de baixo para cima, na qual as instâncias superiores são acionadas apenas quando a comunidade não consegue resolver o problema. Uma sociedade na qual ninguém fique para trás e, ao mesmo tempo, não tenha a liberdade tolhida pelo Leviatã Estatal.

JONES ROSSI

Jornalista, editor na *Gazeta do Povo*
e coautor de *Guia politicamente*
incorreto do futebol



INTRODUÇÃO:
**VIVAM AS BOAS
INTENÇÕES**

Este é um livro para pessoas bem-intencionadas. É um livro sobre economia, mas não para quem deseja encontrar justificativas intelectuais para os próprios vícios – sejam eles no campo da cobiça e da avaréza, sejam eles no campo da ambição pessoal e da busca pelo poder. Não é um livro para quem pretende esconder seus preconceitos por trás de teorias econômicas.

Nesta obra, vamos tratar de um problema real e de suas possíveis soluções. O problema: o fato de que milhões de pessoas vivem em condições materiais indignas, degradantes e inaceitáveis. Muitas delas no Brasil.

Um em cada quatro brasileiros está abaixo da linha de pobreza. Mas os números são incapazes de descrever o cenário de forma precisa. Basta um passeio por qualquer uma das grandes cidades brasileiras, ou pelo sertão nordestino, ou pelo oeste do Paraná, ou pelos vilarejos do Tocantins, para encontrar a miséria, a insegurança alimentar, a falta de moradia e todas as consequências negativas que surgem dessas mazelas.

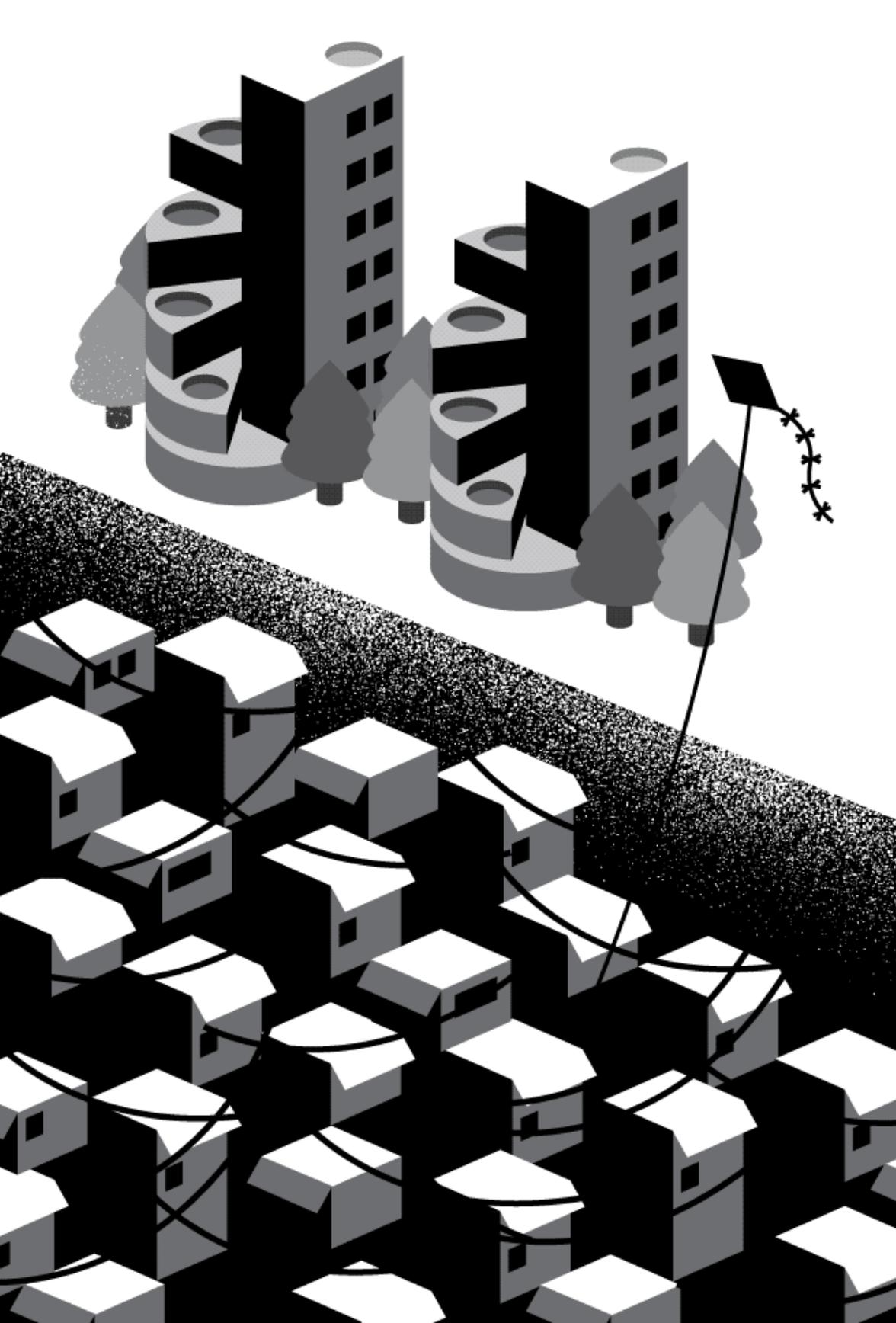
A pobreza incomoda. E incomoda porque sabemos que há algo de errado nela: o fato de crianças sofrerem com a desnutrição, por exemplo, provoca em nós um senso de indignação moral. É como se uma espécie de lei natural, independentemente de leis aprovadas pelo Congresso e sancionadas pelo presidente da República, nos compelisse a nos preocupar com os mais pobres e a agir em favor deles. E, embora tenha existido em todas as nações, em todos os períodos da história, a pobreza hoje parece ainda mais inaceitável, porque a causa dela já não é a escassez de recursos. Pessoas não passam fome porque falta comida no mundo: o planeta produz muito mais alimentos do que seria necessário para suprir as necessidades de seus 7,8 bilhões de habitantes. Da mesma forma, ninguém mora debaixo da ponte porque não existem terrenos disponíveis ou porque o material necessário para a construção de casas tenha se esgotado. A simples constatação desses fatos nos compele a fazer algo.

Até este ponto, todos os leitores bem-intencionados concordarão. O que nos resta, a partir daqui, é uma tarefa complexa: avaliar cuidadosamente as possíveis soluções para eliminar (ou, mais realisticamente, amenizar da forma mais eficiente possível) a pobreza. Para isso, é preciso olhar com sinceridade e honestidade intelectual para a teoria e para a prática das descobertas de

acadêmicos, mas também dos bons e maus exemplos deixados por governantes que, partindo de uma constatação verdadeira – a de que existe pobreza no mundo e de que temos o dever moral de combatê-la –, trilharam caminhos distintos na tentativa de atacar o problema. E o primeiro requisito de uma investigação do tipo é que nós deixemos de lado, temporariamente, os rótulos ideológicos e as ideias preconcebidas para dar lugar a uma investigação honesta.

Nesta jornada, também será preciso compreender melhor a natureza humana. Somos antes de tudo parte de um coletivo, sem o qual nossa identidade perde qualquer sentido? Ou somos seres predominantemente individualistas, que buscam o próprio interesse o tempo todo?

Não é aceitável que, diante de um problema que atinge milhões de pessoas, a resposta seja apenas recomendar que elas se esforcem mais para subirem na vida. Mas, ao mesmo tempo, a mera aparência de compaixão não basta. A compaixão genuína exige que nosso senso de indignação seja canalizado na busca da melhor solução possível para os mais pobres. O pior cenário possível é aquele em que, na tentativa de amenizar o sofrimento deles, acabamos tornando o fardo ainda mais pesado. ■



UM ASSALTO EM PARAISÓPOLIS

Experimente pesquisar por “Desigualdade no Brasil” no Google Imagens. Por favor, eu espero.
Pronto?

As primeiras fotografias que aparecem provavelmente são do edifício Penthouse, no bairro do Morumbi, em São Paulo. É provável que você tenha visto essa imagem em seu livro de geografia lá pelo sexto ano: de um lado, um edifício luxuoso, em que cada apartamento tem uma piscina própria na varanda. Do outro lado, um aglomerado de casas pequenas distribuídas em ruas estreitas. É a favela de Paraisópolis.

Passei em frente ao edifício Penthouse uma vez. Foi em 2009. Eu caminhava com uma colega, jornalista portuguesa, pela calçada da avenida Giovanni Gronchi. Éramos *trainees* do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ela faria uma reportagem sobre uma ONG sediada em Paraisópolis. Por conhecer pouco a região, ela me pediu que a acompanhasse.

No mesmo quarteirão do edifício Penthouse, quando nos aproximávamos de uma rua de acesso a Paraisópolis, o imprevisto: um rapaz veio por trás, correndo, e tentou levar a bolsa da minha colega. Ela, talvez por ser portuguesa e não ter sido instruída a não resistir a criminosos, não cedeu e segurou a bolsa com as duas mãos. O ladrão insistiu, mas, nessa fração de segundo, consegui segurar o sujeito, que parecia ter cerca de vinte anos. Enquanto tentava imobilizá-lo, já no chão, vi se aproximar um adolescente, vindo da favela. Ele me agrediu com um chute. Temoroso de que outros aliados do assaltante aparecessem – e de que um deles estivesse armado –, eu deixei o ladrão ir. A bolsa estava a salvo, mas só então eu percebi que, ao levar um puxão do bandido, minha colega havia caído e batera a parte de trás da cabeça no chão. O sangue jorrava. Uma viatura da polícia militar que passava pelo local nos conduziu ao hospital, onde ela levou sete pontos na cabeça. O assaltante desapareceu na favela.

O que levou aquele jovem, aparentemente saudável, a se tornar um assaltante?

Uma das explicações simplistas aponta o dedo para a desigualdade social. De acordo com esse discurso, o rapaz de Paraisópolis rouba porque o Brasil é desigual, como a fotografia dos livros de geografia já nos alertava. Aquele jovem certamente não teve oportunidades na vida. Talvez ele tenha crescido irritado com a vista do prédio luxuoso ao lado da favela. E, como se alguma força cósmica quisesse demonstrar quem são os culpados pela situação, ele inadvertidamente tentou roubar os pertences de uma portuguesa.

Essa é uma interpretação equivocada da história.

Por outro lado, também é simplista explicar o assalto como o mero resultado de escolhas individuais feitas por aquele jovem.

Ele não nasceu e foi criado no vácuo: o fato de morar em uma favela, sem acesso a uma educação de qualidade e talvez sem uma família estruturada, importa. Esses fatores sociais não são suficientes para absolver um assaltante no banco dos réus, mas ajudam a explicar onde surge o problema – e como é possível enfrentá-lo. Não se pode fechar os olhos para o fato de que alguém que nasce em Paraisópolis tem menos oportunidades. Os seres humanos são livres, mas alguns deles têm menos caminhos possíveis na vida. A história daquele assalto frustrado teve início décadas antes. O Estado falhou, a comunidade local falhou e, provavelmente, a família falhou.

O indivíduo não é um mero fruto do meio social. Mas também não é alguém isolado, alheio às influências das pessoas à sua volta. A tragédia dos milhões de pobres no Brasil não cabe em explicações simplistas que levam a soluções simplistas – e erradas.

A favela de Paraisópolis começou a surgir nos anos 1960, justamente quando o bairro do Morumbi ganhava corpo com a construção de mansões, prédios, o estádio do São Paulo Futebol Clube e o Hospital Albert Einstein. O desenvolvimento de um bairro de alto padrão aumentou a demanda por operários e, logo depois, empregadas domésticas, vigias, motoristas, jardineiros. Alguns dos migrantes nordestinos que se mudaram para São Paulo enxergaram essa oportunidade. Rapidamente, a notícia se espalhou, e Paraisópolis virou um polo de atração. Essas pessoas acreditavam que seria uma boa ideia ocupar o terreno de geografia acidentada e sem infraestrutura, mas que ficava convenientemente próximo do trabalho. A favela nasceu sobre áreas particulares, em um espaço originalmente planejado para virar um loteamento

para a classe média, que nunca saiu do papel. Como em outras partes do país, a burocracia estatal impediu um uso mais ordenado do solo. Favelas como Paraisópolis proliferaram nesse vácuo.

Um dos primeiros moradores de Paraisópolis foi Lourival Clemente da Silva, que veio de Alagoas em 1968. Além de construir a própria casa, ele depois ergueria outra para a sogra e uma terceira para os pais. Como Lourival, praticamente todos os pioneiros de Paraisópolis vieram do sertão nordestino. Como ele, muitos trouxeram parentes dos estados do Nordeste. E esse é um elemento essencial para entender a fotografia do edifício Penthouse. A imagem chocante da favela ao lado do edifício luxuoso é fruto desta contradição: a favela existe porque o bairro rico existe. Se o bairro rico não existisse, a vida do favelado talvez fosse ainda pior. Ao mesmo tempo, não é adequado dizer que os moradores de Paraisópolis devam se contentar com o que têm.

Um dos muitos nordestinos a fazer a migração para o estado de São Paulo em meados do século XX se transformou em presidente da República. A casa onde Luiz Inácio Lula da Silva nasceu fica no atual município de Caetés, em Pernambuco. É uma típica cidade do semiárido. E, comparada a ela, Paraisópolis se sobressai.

A comunidade paulistana tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,639, contra 0,522 de Caetés. Isso significa que a qualidade de vida em Paraisópolis é consideravelmente maior. Se fosse um município de Pernambuco, aliás, Paraisópolis ficaria em 30º lugar entre as 185 cidades do estado nesse quesito. Mais: no ano da tentativa de assalto na avenida Giovanni Gronchi, a renda média por habitante em Paraisópolis era de

614 reais mensais.¹ A do morador de Caetés, de 176 reais.² Na verdade, a renda média de Paraisópolis está acima da maior parte dos municípios brasileiros, inclusive de centenas de cidades em estados ricos como São Paulo, Santa Catarina e Paraná.³

A infraestrutura também é superior na favela de São Paulo: em Paraisópolis, 88% das casas têm abastecimento de água e 98% têm energia elétrica⁴ – muito acima de Caetés e praticamente nos mesmos índices da média nacional.

Para além dos números, é fácil constatar que Paraisópolis, com todos os seus problemas, é uma comunidade muito mais rica do que as terras natais de seus fundadores. Graças ao Google Street View, qualquer um pode fazer um passeio virtual pelas ruas da favela. A primeira surpresa para os desavisados talvez seja a vitalidade da economia local. Quem anda pelas ruas de Paraisópolis vai encontrar um comércio diversificado. O bairro tem lojas de autopeças, assistência técnica de computador, escritório odontológico. Tem artigos para festas. Uma loja que vende e conserta videogames. A Amanda Produtos Naturais e Suplementos. A Adega Imperial, que anuncia ter bebidas como Jack Daniels, White Horse e Red Label. Creche particular. Óticas Carol. A Barret's Moda Íntima e Sex Shop. Uma *pizzaria*

1. *Folha de S.Paulo*, 3 fev. 2009, p. C1.

2. Renda *per capita* de todas as cidades. *Terra*, [s.d.]. Disponível em: <https://economia.terra.com.br/infograficos/renda/>. Acesso em: 10 maio 2021.

3. Lista de municípios do Brasil por renda *per capita*. *Wikipedia*, [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Brasil_por_renda_per_capita. Acesso em: 10 maio 2021.

4. Juliana Varga de Cartilho, *A favelização do espaço urbano em São Paulo. Estudo de caso: Heliópolis e Paraisópolis*. Dissertação (Mestrado), FAUUSP, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-06082013-095903/publico/MESTRADO_JULIANA_CASTILHO.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

e *paninaria*. Corretora de imóveis. Autoescola. Banco Santander. Casas Bahia. Um lava-rápido que cobra 30 reais para lavar um carro pequeno e 40 para lavar um carro grande. A Soberana Makeup. Cultura Inglesa. O *sushi-bar* Temaki de Ouro. Banco do Brasil. A Pet Dog Banho e Tosa (leva e traz o seu cachorro). A Açai Island.

Como a lista acima evidencia, os moradores de Paraisópolis sabem bem que a forma de progredir na vida é por meio do trabalho e do empreendedorismo. E, embora possam necessitar temporariamente da assistência social, o que eles mais precisam é de um sistema legal eficiente, que lhes garanta o direito à propriedade que eles conquistaram pelo próprio trabalho.

Paraisópolis não é, nem de longe, o bairro dos sonhos. Em muitos aspectos, a condição em que aquelas pessoas vivem está longe da ideal. Mas, para aquelas famílias, se mudar para lá foi um passo importante em uma jornada contínua: a jornada humana pela melhoria da sua condição. Os moradores que vieram do Nordeste não vieram em busca de assistência do governo, mas de oportunidades de emprego. O caminho para que eles continuem progredindo é fornecer os meios para que eles possam trabalhar livremente.

E eles vão progredir. É possível afirmar isso olhando para o outro lado da foto dos livros de geografia: muitos moradores do Morumbi são netos e bisnetos de imigrantes pobres, vindos de países como Itália e Líbano. Em muitos casos, os pais e avós deles moravam em cortiços, em condições piores do que os atuais moradores de Paraisópolis – e sem dominar completamente o idioma local. Adoniran Barbosa, que escreveu a música “Saudosa Maloca”, era ele próprio um filho de italianos que chegaram ao Brasil para trabalhar na lavoura após a abolição

da escravatura (o nome verdadeiro dele era João Rubinato). Embora seja parcialmente fictícia, a história da música descreve as condições precárias de moradia de uma cidade que crescia mais rapidamente do que podia suportar. A maloca em questão era uma ocupação irregular em um casarão vazio no centro de São Paulo. Até que, segundo a poesia de Adoniran, “Veio os homis c’oas ferramenta/ Que o dono mandô derrubá”.

Os moradores de Paraisópolis têm exatamente o mesmo potencial dos imigrantes que chegaram a São Paulo no século XX. Aliás, eles já percorreram uma longa jornada em quarenta ou cinquenta anos. A vida deles hoje é muito melhor do que era então.

É preciso reconhecer, por outro lado, que a foto célebre do prédio luxuoso ao lado de Paraisópolis incomoda. E incomoda porque ela fere nosso senso básico de justiça. Aqueles que exibem a fotografia do edifício Penthouse à exaustão apostam em um instinto básico do ser humano: nós somos muito bons em identificar diferenças. Esse parece ser um traço instintivo. Até mesmo macacos-prego se revoltam quando notam uma injustiça na distribuição de frutas.⁵ Mas a solução não é simples. Não basta retirar a renda dos moradores do Penthouse e distribuí-la entre os moradores de Paraisópolis.

A riqueza não é um jogo de soma zero. Se os ricos do prédio com piscina na varanda desaparecessem, a vida dos moradores de Paraisópolis não melhoraria. Outra premissa equivocada é a de que os moradores de Paraisópolis precisam ser resgatados,

5. Macaco-prego se revolta ao ganhar recompensa diferente após fazer a mesma tarefa do grupo. *UOL*, 23 nov. 2012. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2012/11/23/animais-se-sentem-injusticados-com-pagamento-diferente-do-mesmo-trabalho-veja-o-video.htm>. Acesso em: 11 maio 2021.

porque, se deixados por si próprios, não serão capazes de progredir na vida. Esse argumento não só revela um profundo preconceito como também ignora a realidade da favela. Além do comércio movimentado e da vida comunitária ativa, um olhar mais detalhado sobre uma dessas fotografias dos livros de geografia vai mostrar que muitos moradores de Paraisópolis têm carro (na verdade, é difícil achar um lugar para estacionar o carro em muitas partes da favela). Praticamente todas as casas são de alvenaria, grande parte delas com mais de um andar. Os moradores da favela não são pessoas ignorantes, à beira da morte, aguardando que um rico esclarecido lhes estenda a mão. São cidadãos ativos, capazes de tomar decisões sozinhos – e que demonstraram isso ao melhorarem sua condição de vida por esforço próprio.

A liberdade é uma característica inerente ao ser humano. Uma pedra vai cair de forma previsível sempre que você arremessá-la para o alto. Uma planta vai sempre crescer se receber nutrientes de forma adequada. Um animal irracional não consegue transcender os instintos da espécie. Mas o ser humano é o único que consegue fazer escolhas morais. Isso vale para todos, inclusive para o rapaz de Paraisópolis. Seres humanos, ricos e pobres, não são elementos passivos nas mãos da História. Eles têm a capacidade de escolher o que é melhor para si mesmos, e fazem isso diariamente, quando não são atrapalhados por teorias abstratas de quem pouco sabe sobre a realidade – militantes, políticos e burocratas. A forma mais eficaz de destruir a dignidade de uma pessoa é anulando sua liberdade. E a forma mais eficaz de anular a liberdade de alguém é tratá-la o tempo todo como alguém incapaz de agir livremente.

Todo indivíduo deseja prosperar. E a única forma de prosperar é em parceria com outros indivíduos. As pessoas fazem isso por meio de trocas voluntárias (de dinheiro, bens ou serviços). Alguém que quer construir um prédio precisa de dezenas, talvez centenas de trabalhadores, e esses trabalhadores, assim como o patrão, não trabalham por benevolência: trabalham para obterem recursos. Mas, no caso do prédio, essa cooperação é vantajosa para todos – para quem contrata, para quem é contratado e, mais adiante, para quem vai comprar um apartamento.

Um Estado eficaz deve estar pronto para, sempre que preciso, agir em situações emergenciais que exijam uma resposta rápida. Também é preciso ter uma atenção especial com os brasileiros na extrema pobreza. Temos o dever moral de criar as condições para que a miséria seja erradicada de vez. O problema é que algumas das fórmulas apresentadas ao longo da história acabam tornando o problema pior. Este livro propõe um olhar honesto sobre os possíveis caminhos para a redução da pobreza e da desigualdade. ■